

12º PROJETER
REEXISTIR NO MUNDO CONTEMPORÂNEO
interpretar, conservar e transformar
14 a 17/10 | Pelotas | Rio Grande do Sul | Brasil **2025**

CAMINHOGRAFIA URBANA E CULTURA NAS MARGENS DAS ÁGUAS: V&A Dundee e Riverside Museum Glasgow

Eixo Temático 3: Transformar

ROCHA, Eduardo

Doutor | PROGRAU/UFPel | eduardo.rocha@edu.ufpel.br

PORTELLA, Adriana Araújo

Doutora | PROGRAU/UFPel - Heriot-Watt University | adrianaportella@yahoo.com.br

XAVIER, Sinval Cantarelli

Doutor | FURG - Heriot-Watt University | xavier.sinval@gmail.com

Resumo

O artigo analisa caminhografias em Dundee e Glasgow, abordando as margens das águas como territórios sensíveis na experiência urbana. A partir de registros visuais e narrativos, investiga-se a caminhografia como método crítico. V&A Dundee (Kengo Kuma) e Riverside Museum (Zaha Hadid) são estudados como casos de revitalização: o primeiro, pela integração ao rio Tay; o segundo, pela memória industrial, mas com limitações de conectividade. Conclui-se que projetos integrados podem ressignificar margens como espaços de transição e convívio. A pesquisa contribui para o debate sobre urbanismo aquático, articulando memória, natureza e cidade.

Palavras-chave: caminhografia urbana; margens ribeirinhas, revitalização urbana; museus culturais; planejamento urbano.

URBAN WALKOGRAPHY AND CULTURE ON THE WATERFRONTS: V&A Dundee and Riverside Museum Glasgow

Abstract

The article analyzes walkographies in Dundee and Glasgow, focusing on waterfronts as sensitive urban territories. Using visual and narrative records, it explores walkgraphy as a critical method. V&A Dundee (Kengo Kuma) and Riverside Museum (Zaha Hadid) are case studies in riverfront revitalization: the former integrates with the Tay River; the latter evokes industrial memory but faces connectivity issues. The study shows how integrated projects can transform river margins into spaces of transition and interaction, contributing to the urban waterscape debate by linking memory, nature, and city.

Key words: urban walkography; waterfronts; urban revitalization; cultural museums; urban planning.

CAMINOGRAFÍA URBANA Y CULTURA EN LAS MÁRGENES ACUÁTICAS: V&A Dundee y Riverside Museum Glasgow

Resumen

El artículo analiza caminografías en Dundee y Glasgow, abordando las márgenes del agua como territorios urbanos sensibles. A partir de registros visuales y narrativos, se investiga la caminografía como método crítico. El V&A Dundee (Kengo Kuma) y el Riverside Museum (Zaha Hadid) se presentan como casos de revitalización ribereña: el primero se integra al río Tay; el segundo destaca la memoria industrial, pero enfrenta problemas de conectividad. Se concluye que los proyectos integrados pueden transformar márgenes acuáticos en espacios de transición y encuentro, aportando al debate sobre el urbanismo de aguas.

Palabras clave: caminografía urbana; márgenes ribereñas; revitalización urbana; museos culturales; planificación urbana.

-----Inserir aqui uma quebra de página, o texto começa somente na página seguinte

A caminhada tem sido compreendida como prática potente de leitura e exploração da cidade. Francesco Careri (2002) a propõe como ato estético e performativo, Michel de Certeau ([1980]2014) como forma de apropriação do espaço urbano, e Tim Ingold (2015) como meio de percepção da paisagem material e simbólica.

As margens d'água configuram territórios híbridos onde se entrelaçam aspectos ambientais, sociais e culturais. Yi-Fu Tuan ([1977]2013) destaca a importância das experiências sensoriais na construção da identidade ligada ao lugar, enquanto Richard Sennett (2018) propõe os limites entre terra e água como zonas de encontro entre sociedade e natureza — premissas que sustentam a análise de intervenções em Dundee e Glasgow.

O caminhar, enquanto prática urbana, permite interações sensíveis e críticas com o espaço. Careri (2002) o define como prática estética e performativa. Para Michel de Certeau ([1980]2014), “o ato de caminhar é uma forma de apropriação do espaço urbano, criando narrativas que transformam os lugares em espaços vividos” (p. 173). Ingold (2015) reforça que a caminhada promove leitura profunda da paisagem e de suas materialidades.

Rocha e Santos (2024) desenvolvem a caminhografia urbana como prática investigativa sensorial. No *Verbolário da Caminhografia Urbana*, os autores organizam verbos-ação como “registrar”, “jogar” e “criar”, reforçando a articulação entre corpo, espaço e memória. “Caminhografar é, por si só, uma invenção que constrói a ação, o movimento, a temporalidade e a transformação” (Rocha; Santos, 2024), compondo mapas processuais que conectam o ordinário ao extraordinário.

2.1 À Margem das Águas: Espaços de Transição

As margens desempenham funções múltiplas no tecido urbano. Tuan ([1977]2013) afirma que “a relação entre lugar e identidade se constrói a partir das experiências sensoriais e afetivas” (p. 6), revelando como esses territórios moldam percepções sobre o ambiente. Sennett (2018) completa: “as margens dos rios são palcos onde sociedade e natureza se encontram” (p. 89).

Intervenções em margens ribeirinhas buscam equilibrar preservação ambiental e apropriação urbana. Mello (2008) afirma que “é necessário estabelecer um equilíbrio entre a intangibilidade ambiental e a apropriação urbana das margens dos rios” (p. 42). Os casos do V&A Dundee e do Riverside Museum ilustram como a arquitetura pode transformar áreas degradadas em polos culturais.

Projetos como o do Rio Isar, na Alemanha (Zingraff-Hamed et al., 2021), e iniciativas brasileiras como a do Rio das Velhas (Theodoro; Nascimento; Heller, 2016), mostram o potencial da renaturalização de rios urbanos como estratégia para criar espaços públicos resilientes.

As margens também são espaços de convivência. Graça (2013) observa que elas se tornam lugares de afetividade e encontro, fortalecendo laços sociais. O projeto *Pescando Memórias* (Santana; Santana, 2024), desenvolvido por moradores do povoado de São Braz (SE), promove o resgate identitário por meio das práticas pesqueiras, tradições locais e da valorização do patrimônio coletivo.

Portanto, as margens d'água devem ser entendidas não apenas como zonas físicas de transição, mas como territórios simbólicos que articulam história, natureza e cidade. A integração desses espaços requer abordagens interdisciplinares que considerem sua complexidade ecológica, cultural e histórica.

2.2 Inserção de Museus em Áreas Urbanas

A partir das caminhografias realizadas em Dundee e Glasgow, a escolha pelos museus V&A Dundee e Riverside Museum como objetos de análise não se deu ao acaso: ambos foram descobertos e experienciados como pontos de inflexão nos percursos ribeirinhos, revelando diferentes modos de inserção da cultura e da arquitetura nas margens urbanas. Assim, este capítulo explora como esses equipamentos atuam na transformação dos territórios à beira d'água, conectando memória, paisagem e práticas urbanas.

Museus inseridos em contextos urbanos operam como agentes de transformação espacial, social e econômica. Hoffman (2014) aponta que “os museus

contemporâneos não são apenas espaços de preservação cultural, mas também agentes ativos na reconfiguração do tecido urbano".

Letelier (2024) propõe o conceito de "museus regenerativos", que incorporam práticas ambientais e comunitárias — como hortas urbanas ou reflorestamentos — ampliando sua função social e ecológica.

Contudo, é necessário cautela quanto aos impactos sociais. Botelho (2005) alerta: "a cultura, quando utilizada como capital para projetos de recuperação urbana, pode marginalizar os habitantes locais em favor do turismo e da especulação imobiliária" (p. 57). Mello (2008) defende a gestão participativa como meio de evitar a gentrificação².

Assim, museus contemporâneos transcendem a função expositiva e passam a atuar como dispositivos de regeneração urbana e integração comunitária, reconfigurando relações entre cidade, cultura e espaço público.

3 Mapeamento das Caminhografias na Escócia

O mapeamento das caminhografias realizadas em Dundee e Glasgow possibilitou investigar como as margens das águas podem ser transformadas em espaços de convivência cultural e revitalização urbana. Ambas as cidades ilustram processos distintos de regeneração que articulam arquitetura contemporânea, memória histórica e práticas culturais, evidenciando o papel dos museus como catalisadores dessas transformações urbanas.

As caminhografias realizadas em Dundee e Glasgow foram fundamentais para a escolha dos museus V&A Dundee e Riverside Museum como objetos de análise. Durante as derivas, os percursos a pé permitiram experimentar, registrar e mapear as transformações urbanas nas margens dos rios Tay e Clyde, revelando os museus como pontos de inflexão nos trajetos. Os mapas digitais colaborativos elaborados a partir

² Um conceito de gentrificação que reconhece tanto seus aspectos negativos quanto positivos é apresentado por Loretta Lees, Tom Slater e Elvin Wyly. Eles destacam que, embora a gentrificação possa levar ao deslocamento de populações vulneráveis e ao aumento da especulação imobiliária, também pode trazer investimentos em infraestrutura, melhorias urbanas e requalificação de áreas degradadas. A questão central é como essas transformações ocorrem e se elas incluem ou excluem os moradores originais. In: LEES, L.; SLATER, T.; WYLY, E. **Gentrification**. New York: Routledge, 2008.

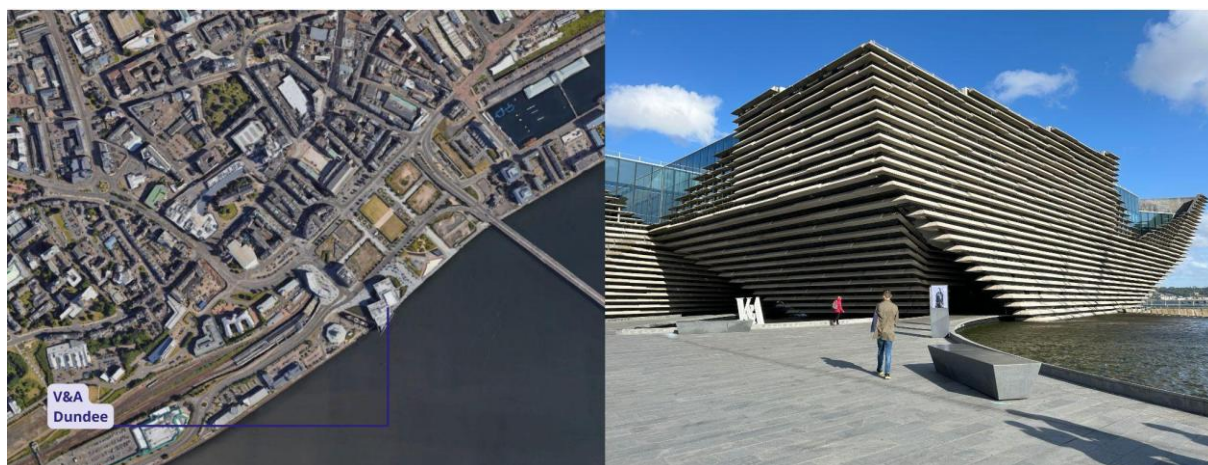
das caminhografias situa espacialmente os principais pontos de encontro, áreas de lazer e zonas de desconexão, compondo uma cartografia afetiva dos territórios caminhados. Assim, a escolha desses ícones arquitetônicos se justifica não apenas por sua relevância simbólica, mas sobretudo pela experiência vivida durante as caminhadas, que evidencia o papel dos museus na revitalização urbana e na reconfiguração das margens ribeirinhas como espaços de convivência, memória e transformação social.

3.1 V&A, Dundee

O V&A Dundee (Fig. 2), projetado por Kengo Kuma e inaugurado em 2018, é símbolo da revitalização da orla do rio Tay, integrando um plano urbano de £1 bilhão. Inspirado nas falésias escocesas, o edifício projeta-se sobre o rio, marcando a reconexão entre cidade e natureza. A área, antes ocupada por armazéns, foi redesenhada com espaços públicos e áreas verdes, tendo o museu como núcleo articulador (Kengo Kuma and Associates, 2018).

Além de exposições permanentes e mostras internacionais, o V&A gerou impactos econômicos expressivos, com estimativa de £11,6 milhões ao ano e criação de empregos (BBC News, 2018). Caminhografias ao longo do Tay revelaram como o museu transformou o espaço público, articulando arquitetura, paisagem e memória urbana.

Figura 2: V&A Dundee e sua inserção urbana.



Fonte: 2a. Google Earth editado pelos autores e 2b. fotografia dos autores.

3.2 Riverside Museum, Glasgow

O Riverside Museum, projetado por Zaha Hadid e inaugurado em 2011 (Fig. 3), integra o projeto de revitalização Glasgow Harbour Regeneration às margens do rio Clyde. Com forma ondulada que remete à tradição naval da cidade, o edifício abriga acervo sobre transporte e história industrial de Glasgow (Buro Happold, 2011), além de oferecer experiências interativas ligadas à memória marítima.

Apesar da proximidade com o navio Tall Ship Glenlee, as caminhografias mostraram que o entorno permanece fragmentado, com infraestruturas industriais subutilizadas e pouca vitalidade urbana, limitando a integração entre espaço público, cultura e cidade.

Figura 3: Riverside Museum e sua inserção urbana.



Fonte: 3a. Google Earth editado pelos autores e 3b. fotografia dos autores.

3.3 Processos de Revitalização

Os casos do V&A Dundee e do Riverside Museum revelam abordagens distintas de requalificação ribeirinha. Em Dundee, o museu funciona como marco arquitetônico que reconecta a cidade ao rio Tay, promovendo convivência, turismo e sustentabilidade. Em Glasgow, apesar da valorização da memória industrial, o entorno do Riverside Museum ainda carece de vitalidade urbana.

A comparação mostra que a arquitetura, isoladamente, não garante a apropriação social do espaço. A eficácia das revitalizações depende da integração entre projeto, gestão pública e participação comunitária. Às caminhografias evidenciam essas diferenças entre intenção projetual e uso cotidiano das margens.

4 Métodos de Registro .

As caminhografias integram múltiplas formas de registro — visuais, narrativos, afetivos e documentais — em momentos anteriores, durante e após as caminhadas. Fotografias captaram aspectos arquitetônicos, paisagísticos e sociais; narrativas descreveram percepções sensoriais; cartografias colaborativas reuniram coletas dos participantes e a pesquisa documental forneceu dados históricos sobre os projetos urbanos analisados.

4.1 Registros Visuais

Relatos registrados em cadernos de campo descreveram percepções sensoriais e interações com o ambiente. Segundo Ingold (2015), “a caminhada é uma forma de pensar em movimento”.

No V&A Dundee, as narrativas reforçam a integração entre cidade e paisagem. Em Glasgow, evidenciam o descompasso entre a arquitetura simbólica e o espaço público pouco ativado.

4.2 Narrativas de Experiência

As narrativas de experiência foram registradas em cadernos de campo durante os percursos caminhográficos. Esses relatos subjetivos incluíram percepções sensoriais, reflexões sobre o ambiente urbano e interações com os espaços visitados. Segundo Ingold (2015), “a caminhada é uma forma de pensar em movimento”, permitindo que os participantes criem conexões afetivas com o território explorado.

No caso do V&A Dundee, as narrativas ressaltaram a forte integração entre a cidade e o rio Tay, onde a arquitetura fluida do museu e os espaços públicos ao redor criam uma experiência de abertura e conectividade. Já no Riverside Museum, os relatos evidenciaram um contraste mais acentuado: apesar da interação entre as formas contemporâneas do edifício e os elementos históricos, como o Tall Ship Glenlee, o entorno permanece marcado pelo abandono, com pouca atividade urbana e espaços degradados que dificultam sua plena apropriação pela população.

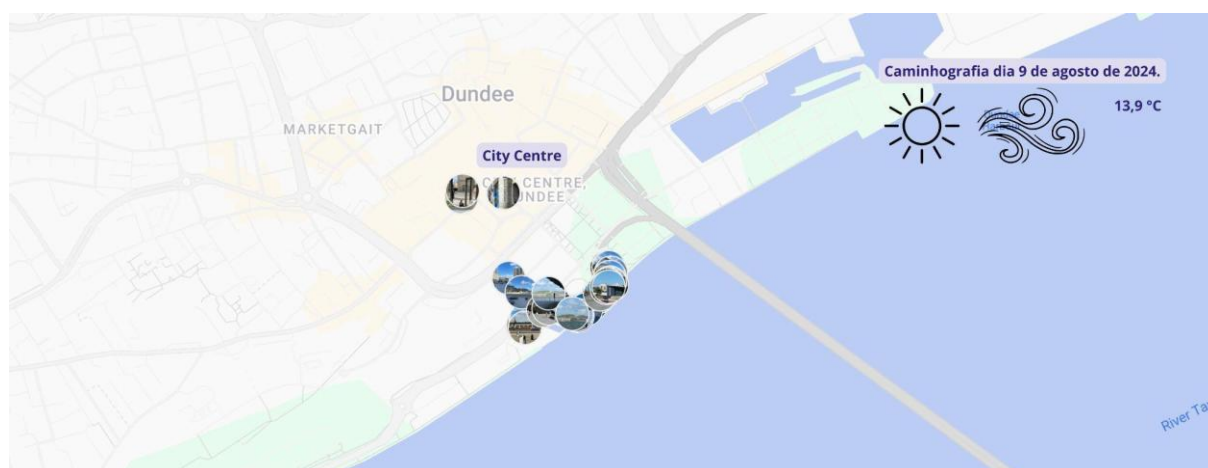
4.2 Cartografia Colaborativa e Afetiva

A cartografia colaborativa e afetiva foi utilizada para mapear emoções, percepções sensoriais e impressões espaciais dos participantes durante as caminhadas. Esses mapas subjetivos, elaborados com anotações, fotografias e desenhos, formaram uma narrativa sensível do território caminhado. Como Santos (2019) observa, “a cartografia afetiva permite transformar trajetos em narrativas espaciais que conectam memória, identidade e território”.

As informações coletadas foram georreferenciadas por meio do Google My Maps³ (Fig. 4/5), criando uma cartografia digital colaborativa. Essa ferramenta situou os registros e ajudou a construir uma memória coletiva do percurso, integrando imagens, relatos e pontos afetivos. A cartografia funcionou como uma camada interpretativa, condensando diferentes modos de ver e sentir as margens urbanas.

No V&A Dundee, os mapas destacaram áreas de forte conexão emocional, como os jardins e mirantes voltados ao rio Tay (Fig. 4). Em Glasgow, os mapas evidenciaram a ambivalência entre a potência simbólica da arquitetura e o vazio de espaços pouco ativados. A prática cartográfica ampliou a leitura urbana, valorizando o olhar sensível como ferramenta de análise e intervenção (Fig. 5).

Figura 4: Mapa das imagens caminhográficas no entorno do V&A Dundee.



3

Ver

o

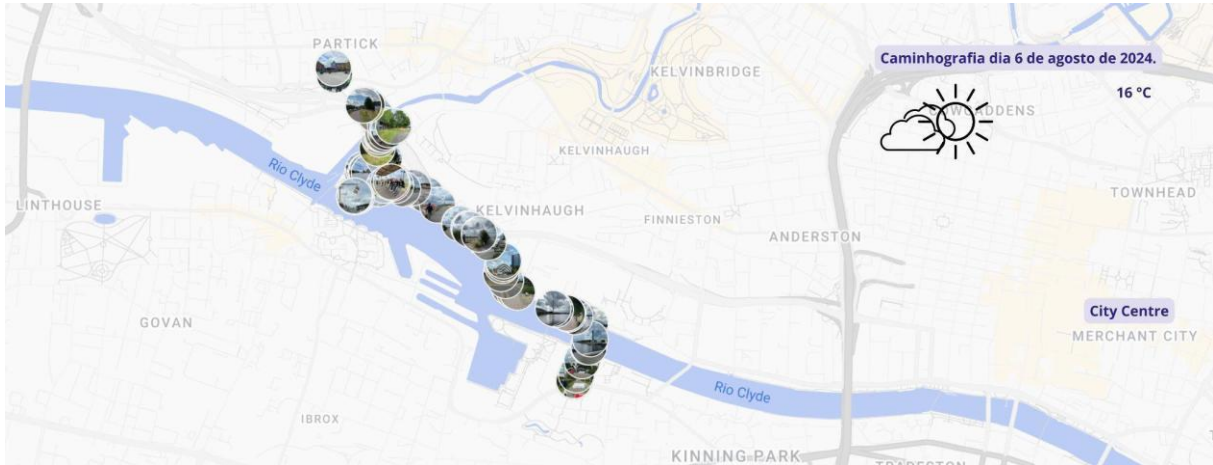
mapa

em:

https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1UgRaJZ_43rslzBXCRIbqnRCO22TK1k&usp=sharing

Fonte: My Maps Google editado pelos autores.

Figura 5: Mapa das imagens caminhográficas no entorno do Riverside Museum.



Fonte: My Maps Google editado pelos autores.

4.3 Pesquisa Documental

A pesquisa documental complementou os registros de campo ao contextualizar os processos de revitalização ribeirinha e os projetos arquitetônicos dos museus. Foram consultados documentos oficiais, estudos urbanísticos e publicações específicas sobre o V&A Dundee e o Riverside Museum.

O V&A Dundee integra um plano de requalificação do waterfront da cidade, com investimento de £1 bilhão em novos espaços públicos e habitações (Kengo Kuma and Associates, 2018). O Riverside Museum, por sua vez, faz parte do Glasgow Harbour Regeneration, que transformou antigas áreas industriais em espaços culturais e de lazer (Buro Happold, 2011). Esses documentos mostram que os museus foram concebidos como catalisadores da revitalização urbana.

5 Análises e Reflexões

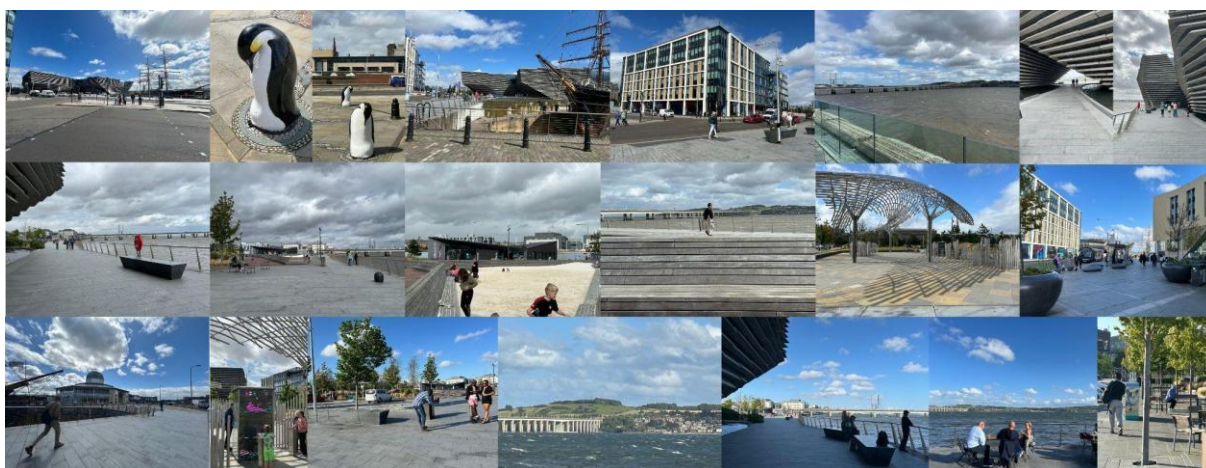
A comparação entre os percursos caminhográficos em Dundee e Glasgow evidenciou contrastes marcantes na vitalidade urbana ao redor dos museus. Um mosaico de imagens fotográficas foi utilizado para analisar as dinâmicas espaciais e sociais captadas durante as caminhadas.

5.1 V&A Dundee: Vitalidade e Integração com o Entorno

Localizado junto ao rio Tay, o V&A Dundee exemplifica revitalização bem-sucedida. As fotografias revelam um espaço público ativo, com áreas verdes, mobiliário urbano e arquitetura integrada à paisagem. O projeto de Kengo Kuma reforça a conexão entre cidade e rio, promovendo convívio e apropriação social (Kengo Kuma and Associates, 2018).

As imagens⁴ mostram usos espontâneos — encontros, lazer, eventos — que refletem a eficácia do planejamento em transformar o museu em ponto de encontro de moradores e visitantes (Fig. 6).

Figura 6: Mosaico de fotografias do entorno do V&A Dundee.



Fonte: Dos autores, 2024.

5.2 Riverside Museum: Fragmentação Urbana e Impactos da Infraestrutura

Já o Riverside Museum enfrenta limitações devido à fragmentação urbana gerada por autoestradas e estacionamentos. As fotografias⁵ mostram espaços pouco ativados e desconexos, dificultando a sociabilidade. Apesar da força simbólica do edifício de Zaha Hadid, o entorno carece de áreas públicas integradas (Buro Happold, 2011).

Infraestruturas viárias limitam a acessibilidade e criam barreiras físicas, comprometendo o papel urbano do museu (Fig. 7).

⁴ Álbum de fotos disponível em: <https://photos.app.goo.gl/gfAkSvjfbyg5Njo6A>

⁵ Álbum de fotos disponível em: <https://photos.app.goo.gl/7dnx6znpTGJQSj6B6>

Figura 7: Mosaico de fotografias do entorno do Riverside Museum.



Fonte: Dos autores, 2024.

5.3 Reflexões sobre Planejamento Urbano

Os mosaicos permitem comparar abordagens distintas: enquanto o V&A Dundee promove integração urbana e vitalidade, o Riverside Museum revela os impactos negativos da fragmentação. Os resultados apontam para a importância de estratégias inclusivas e conectivas no planejamento das margens ribeirinhas.

6 Considerações Finais

A busca e a escolha pelos museus V&A Dundee e Riverside Museum, localizados nas margens dos rios Tay e Clyde, constituíram o ponto de partida das caminhografias desenvolvidas em Dundee e Glasgow. A partir dos percursos realizados nesses territórios, foi possível analisar como intervenções arquitetônicas e urbanas podem ressignificar margens d'água, destacando os diferentes efeitos urbanos do V&A Dundee e do Riverside Museum.

No caso do V&A, o museu tornou-se um agente de vitalização do waterfront, graças ao projeto de Kengo Kuma e ao planejamento urbano que valoriza espaços públicos conectados ao rio Tay. As imagens em mosaico evidenciam um ambiente dinâmico, que promove convivência, turismo e apropriação da paisagem ribeirinha.

Já o Riverside Museum, embora conte com arquitetura emblemática de Zaha Hadid, enfrenta os efeitos da fragmentação urbana gerada por vias expressas e estacionamentos. As caminhografias revelaram espaços desconectados e

subutilizados, indicando a urgência de estratégias que ampliem a acessibilidade e a diversidade de usos.

Esses dois casos mostram como o planejamento urbano molda a experiência das margens. Enquanto Dundee ilustra o potencial de transformações integradas, Glasgow evidencia os limites impostos por infraestruturas mal articuladas.

As análises reforçam a importância de abordagens interdisciplinares no planejamento das margens urbanas, integrando arquitetura, paisagem e urbanismo para criar territórios mais inclusivos, sustentáveis e conectados à vida cotidiana.

7 Referências

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BBC NEWS. **V&A Dundee 'could boost economy by £11.6m per year'**. 14 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-scotland-tayside-central-45519338>. Acesso em: 31 de março de 2025.

BOTELHO, A. **A produção do espaço como estratégia do capital**. 2005. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06052014-111413/publico/2005_AdrianoBotelho.pdf. Acesso em: 31 de março de 2025.

BURO H. **Glasgow Riverside Museum**. Disponível em: <https://www.burohappold.com/projects/glasgow-riverside-museum/>. Acesso em: 31 de março de 2025.

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

CARVALHO, J. W. L. T.; MARANGON, F. H. S.; SANTOS, I. Recuperação de rios urbanos: da interdependência e sincronicidade dos processos de desnaturalização em rios e bacias hidrográficas urbanas. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 40, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/162247>. Acesso em: 3 de abril de 2025.

CERTEAU, M. de [1980]. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FISCHER, S.; CYFFKA, B. *Renaturation of the Isar River: Ecological and social benefits*. Munich: Technical University of Munich, 2014.

GRAÇA, M. L. A. A dimensão social dos espaços ribeirinhos: encontros e afetividades na cidade. **Cidades**, v. 10, n. 2, p. 45-62, 2013.

HOFFMAN, F. E. Museus e revitalização urbana: o Museu de Artes e Ofícios e a Praça da Estação em Belo Horizonte. **Cadernos MetrÓpole**, São Paulo, v. 16, n. 32, p. 537-563, nov. 2014.

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.

LEES, L.; SLATER, T.; WYLY, E. **Gentrification**. New York: Routledge, 2008.

LETELIER, L. **Regenerative Museums: Reshaping the Museums' Role in Addressing Social and Environmental Collapse**. 2024. Disponível em: <https://www.regenerativemuseums.com/>. Acesso em: 03 de abril de 2025.

MELLO, C. A. B. de. **O conteúdo jurídico do princípio da igualdade**. São Paulo: Malheiros Editores, 2008.

MELLO, S. C. B. de. **Requalificação de centros históricos: estudo sobre os discursos no espaço público em Porto Alegre**. 2008. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/download/6444/3330/25542 . Acesso em: 31 de março de 2025.

ROCHA, E.; SANTOS, T. B. dos (Orgs.). **Verbolário da caminhografia urbana**. Pelotas: Editora Caseira, 2024.

SANTANA, G.; SANTANA, I. B. Pescando Memórias: identidade e patrimônio nas margens do Rio do Sal. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 19, n. 3, p. 112-130, 2024. Disponível em: <https://www.se.gov.br/noticias/educacao-cultura/pescando-memorias-e-contemplado-com-premio-nacional>. Acesso em: 31 de março de 2025.

SENNETT, R. **Construir e habitar: ética para uma cidade aberta**. Rio de Janeiro: Record Ltda., 2018.

THEODORO, H. D.; NASCIMENTO, N. de O.; HELLER, L. A institucionalização da gestão de recursos hídricos na Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, Minas Gerais, Brasil, sob a ótica democrática e participativa. **Revista Eletrônica Científica da UERGS**, v. 2, n. 2, p. 159–173, 2016. Disponível em: <https://revista.uergs.edu.br/index.php/revuergs/article/view/421> . Acesso em: 31 de março de 2025.

TUAN, Yi-Fu [1977]. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: EDUEL, 2013.

UFPeL. **Projeto Caminhografias Urbanas nos Confins da América do Sul**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/confins/>. Acesso em: 31 de março de 2025.

V&A DUNDEE MUSEUM PROJECT TEAM (Kengo Kuma and Associates). **Waterfront requalification project in Dundee – UK Government Report**. Dundee: UK Government Press Office, 2018.

ZAHA HADID ARCHITECTS (Buro Happold). **Riverside Museum Glasgow Regeneration Plan – UK Government Report**. Glasgow: UK Government Press Office, 2011.

ZINGRAFF-HAMED, A. et al. *Socio-ecological urban river restoration to mitigate flood risk, improve recreational potential and provide suitable habitats for fauna and flora: The Isar in Munich, Germany*. **Oppla Case Study**, 2021. Disponível em: <https://oppla.eu/casestudy/23365> . Acesso em: 3 de abril de 2025.